

MONUMENTOS NACIONAES ANTIGOS

III

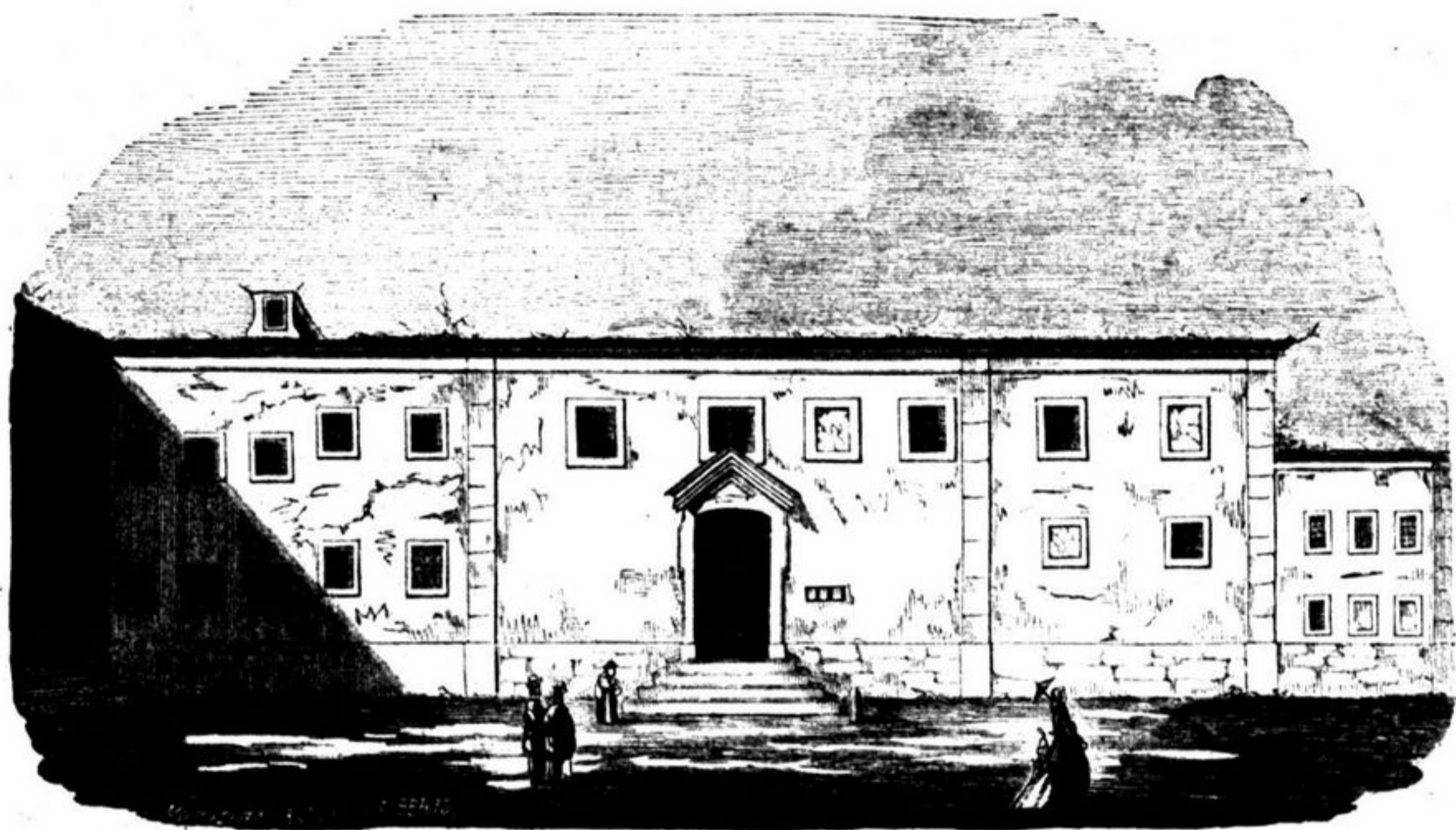
O Conventinho do Desagravo em Lisboa

Corre o vandalismo despeado de um a outro extremo do reino, e tudo assola e desbarata.

SR. A. HERCULANO. — *Panorama.*

A supressão dos conventos das freiras em Portugal está proxima, porque ceifadas diariamente pela morte, teem elles de ficar abandonados por falta de povoadores. Qual será o futuro de muitos, nos quaes, além de lhes andarem annexas muitas recordações historicas, se guardam ainda depositados tantos, e tão preciosos objectos artisticos? Que virá a ser do tão devoto Mosteiro da Madre de Deus, e dos seus tão preciosos quadros? (1)

Aonde irão parar as antiguidades romanas, ainda existentes em Chellas, depois de tantos seculos? Aonde irão ter os ossos de Alvareanas de Sarnache, alferes da Ala dos Namorados na batalha de Aljubarrota, depositados em Corpus Christi de Villa Nova de Gaia? (2) Quantos annos faltarão ainda para que as igrejas do Salvador, Monicas, Trinas e outras muitas sejam um montão de entulho? Qual será o destino de Lorrão, Cellas, Santa Clara, Estrella, e de tantos, fundados por nossos maiores ou em agradecimento á Divindade por beneficios recebidos, ou em expiação de crimes commettidos? Mas, quando de todos elles não existir mais do que um montão de ruinas, possa haver então lembrança de que ainda em 1866, n'um



O Conventinho do Desagravo em Lisboa

pequenino mosteiro-em Lisboa, se praticavam austeridades e rigores taes, debaixo da designação de penitencias, que não tornam incriveis as que dizem os livros terem sido postas em pratica pelos antigos solitarios da Thebaida e da Palestina: e rigores taes usados ainda não sómente por velhas sexagenarias, que nunca conheceram o mundo; mas, até, por jovens de 16 e 20 annos, que ali existem debaixo do titulo de educandas, mas sujeitas voluntariamente á mesma disciplina conventual, sem cuja pratica seriam excluidas.

O Mosteiro, de que se trata neste artigo, é o conhecido vulgarmente pelo nome de Conventinho, defronte da incompleta e proverbial igreja de Santa Engracia, proximo do Campo de Santa Clara em Lisboa. A respeito delle diz-nos o Be-

neficiado João Baptista de Castro o seguinte no seu Mappa de Portugal: (3)

«Santa Clara de Religiosas Seraficas observantes da Provincia chamada de Portugal. Foi fundada a Igreja no anno de 1294 por uma D. Ignez, viuva de D. Vivaldo, nacional de Genova, mas Cidadão honrado de Lisboa, posto que já no anno de 1292 existiam aqui Religiosas. Deste Mosteiro amplissimo, exceptuando o dormitorio chamado da benção, e o dos corredores, duas varandas, e algumas Capellas, tudo mais, que em dormitorios, e casas particulares recolhia mais de seiscentas mulheres entre Religiosas, educandas, recolhidas e criadas, ficou ou de todo abatido, ou irreparavelmente arruinado com o terremoto. O seu famoso Templo, que era um monte de ouro, e na grandeza excedia a todos os mais Mosteiros da

(1) Moi aussi j'aime les tableaux gothiques quand ils renferment des beautés, come-celles qui se voient dans les panneaux de Setubal, de Madre de Deos, de Sam Bento, et dans les Abraham Prim. — BACKZINSKY. *Lettres.* pag. 176.

(2) Fr. Luiz de Sousa. *Histor. de S. Domingos.* Liv. 6.º cap. 5.º
(3) Vol. 3.º pag. 275. Edic. de 1763.

Corte, ficou totalmente prostrado, excepto a tribuna e costas da Capella Mór, sepultando mais de quatro centas pessoas, que estavam assistindo aos Officios Divinos. O Coro de cima, que era um Paraiso na terra, tam^l em se abateo, e servio de sepultura com suas ruinas a quasi todas as Religiosas, que foram cincoenta e seis, alem de oito educandas, uma noviça, quatorze recolhidas, quarenta e tres criadas, e nove escravas, que por todas fazem cento e trinta e uma pessoas dentro do Mosteiro, que pereceram nesta tragica fatalidade.»

A infanta D. Maria Anna, filha de D. José I, julgando-se devedora a Deus pela ter livrado de uma grave molestia, em agradecimento mandou no local deste arruinado convento levantar um outro, com approvação da rainha D. Maria I, que ajudou com varias esmolos. Em 23 de outubro de 1783 entraram neste pobre conventinho 4 freiras fundadoras, com 8 recolhidas, e 6 noviças. Houve nesse dia um solemne Pontifical, ao qual assistiram as pessoas reaes.

Antes da fundação deste conventinho, pelo espaço de perto de cinco annos existio no mesmo sitio um recolhimento da mesma observancia, fundado pelo marquez de Angeja, em cumprimento dum voto feito no caso de melhorar duma perigosa enfermidade a marqueza D. Francisca de Assis. Entraram neste recolhimento 4 meninas, em 22 de maio de 1779, e neste dia começaram os Lausperennes, e nelle celebrou D. Manoel, irmão da referida marqueza. Mais tarde chegaram as recolhidas a ser 13, vivendo em geral das esmolos dadas pelos fieis.

Morreu a infanta D. Maria Anna pelas 9 horas da noite, no Rio de Janeiro, em 16 de maio de 1813, e ficou depositada no convento de Nossa Senhora da Ajula na dita cidade, no qual as religiosas lhe fizeram exequias muito solemnes. A noticia do fallecimento desta senhora chegou ao conventinho em julho do mesmo anno, e passados alguns dias tambem nelle se fizeram solemnes exequias, e com grande pompa, concorrendo com toda a despeza João Baptista, homem muito rico.

Em 3 de janeiro de 1822, pelas 11 horas da noite, chegaram ao conventinho D. João VI, acompanhada da infanta D. Isabel Maria, do infante D. Miguel, e D. Sebastião, da Hespanha, e duma numerosa e luzida corte, fazendo acompanhamento ao coche, em que vinha o cadaver da infanta D. Maria Anna, o qual, depois de responsos cantados pelos frades do convento da Graça, ficou depositado neste convento, no coro de baixo, em um tumulto, onde se acha presentemente.

No anno seguinte, 1823, veio tambem D. João VI, com suas tres filhas, e com D. Miguel, assistir a outras exequias feitas a mesma infanta. Foi orador desta solemnidade Fr. José Maria, religioso paulista, orador de fama, e mais tarde nomeado bispo.

A vida das religiosas deste mosteiro é muito austera: oração continua, estando sempre a toda a hora do dia e da noite duas religiosas em oração diante do Sacramento. Somente a priora e

a rodeira podem fallar com pessoas estranhas á clausura deste convento. Seu leito uma cortiça; seu travesseiro um madeiro; o vestido interior, estamemha; o exterior, burel; o calçado, sandalias: os jejuns frequentissimos; a comida, de magro, exceptuadas apenas as doentes.

Celebram estas freiras varias festividades, cantando ellas cantochão com uma tonadilha especial e unisona, e com acompanhamento de rabeção. Festejam em 16 de janeiro o Sacramento pelo desacato occorrido na freguezia de Santa Engracia: o Patriarcha S. Francisco, e a Matriarcha Santa Clara, o Coração de Jesus, Semana Santa, e teem Lausperenne em todas as quintas feiras do anno.

O patriarcha de Lisboa, Guilherme, numa visita feita a este convento offereceu licença para as religiosas poderem moderar os rigores do seu modo de viver, porém não foi acceita pelas freiras.

A igreja e convento são mui pequenos e pobres, e nada offerecem de notavel, nem digno de especial menção.

Ha na actualidade 10 religiosas professas.

Em tempos mais antigos saía da igreja deste convento uma procissão á meia noite a 16 de janeiro, em desagravo do Sacramento ultrajado nos sitios de Santa Engracia. M. B. BRANCO.

SOBRE AS MEMORIAS DOS VINTE ANNOS

(Carta a Julio de Castilho)

(Continuação)

Eu estava a fugir de fallar ao Julio nesses dois personagens, que mais nos prendem nas suas *Memorias*, como principaes que são; seria um ridiculo disfarce comtudo, que a verdade primeiro e o affecto depois estavam rijo a condemnar. Luiz e Magdalena são duas figuras sympathicas e imponentes, em que o cinzel do esculptor correu afortunado e opulento. Lá que a posição da estatua seja menos natural, isso é outra cousa, mas facto que não destróe a correção das linhas e a belleza dos contornos.

Estas duas creanças que se estremecem tibias em contemplação silenciosa, e sem os arrebatamentos divinizadores do coração, são um constante e imperturbado idyllio, perfeitissimo á luz litteraria, mentiroso perante a realidade aterradora do nosso viver social!

Eu tenho apreciado no seu livro ao pé da boa elocução litteraria as phases verdadeiras de qualquer character. Consinta-me o continuar.

Esta sua producção, Julio, é um muito mimoso ramillete, todo elle matisado com a *viola odorata* e a *viola tricolor*, as duas dicotyledonias da alma, muito mimoso para corresponder ao titulo de *Memorias dos vinte annos*.

Este livro aceita-se como revelação intima do auctor: germinam viçosas a flor da submissão e a do affecto, o obsequio aos paes, e o testemunho á mulher-esposa.

Mas o enxamaer das delislusões? o entrar das

perfidias? o enontecer da alma desconfortada e mal-segura aos balanços do mar aparcellado? o morrer-se a morte lenta nas contorsões afflictivas da dôr que nos prostra? o exorar offegante a Deus pelo negrume do nada. em vez da nostalgia do céu, que é o aspirar supremo do christão? o crebro fuzillar d'esta noite, que não se destolda, e d'esta borrasca incessante, que nos suffoca? a aridez da face amarellada, que não teve osculo que lhe enxugasse o sulco das lagrymas vertidas? o bulcão de uma sociedade tábida, que nos faz arrepiar no que havemos de mais intimo—a familia? este atirar com o corpo requentado da febre para a lagea fria do cemiterio; e a lagea, impassivel até ella, a solevantar-se, a vasal-o fóra e a fugir-lhe? o invejar com olhos de ciume, não o repouso do cadaver, que isso seria muito, mas até o vegetar da planta, que cresce á beira do sarcophago, e se vae a enraizar subterranea por entre a cal e a terra, e a podridão e o craneo, e os femures e os parietaes, partidos ás vezes, e dispersos quasi sempre em caixão rebentado? este martyrio que inferna a alma? esta peçonha, cuspida por Satanaz nos vinte annos de hoje? onde está no seu livro? em que parte vem das suas *Memorias*?

Na occasião em que lemos juntos as suas paginas, eu e o Eugenio, em que as lemos a deleitarmos na sua fresquidão, dizia-lhe eu cousa quasi quasi similhante a esta, que ora refiro a v. ex.^a Obstava-me o Eugenio a que esperasse pela leitura de futuros capitulos, em que o dramatico da situação venceria a costumada serenidade que eu notava. Vieram elles; vi o que o asco do crime pôde arrancar á seiva de uma juventude aproveitada; applaudi identificado; mas a graciosa timidez da alma candida continuou a resaltar das paginas, e a dar o tom incompetente ás tempestades do coração opprimido!

É como se a creança a entrar em homem, tímida, e por ventura innocente, levassem de subito a lupanar disfarçado, em que a perda se arrebicasse em sentimento postiço para attrahir mais prestes, mas a que mão astuta desvendasse rapida os seios remendados de adhesivo, dizendo ao infante: *vés, foi da rixa de hontem!*

Então era o enojar da creança; o balbuciar inaudivel quasi de phrase soturna; e depois o fugir; e pouco mais tarde o brincar socegado e inefavel! É que o presentimento da maldade não lhe revelára a altura da sua hediondez!

A alma do Julio ignora tambem a phrase do que chegou a descrever.

Se um dia o infortunio bater á sua porta, e lhe deslembra a jaculatoria, que hoje solta afevorado, Julio; se por ventura então pegar d'este livro, d'este livro, que eu não posso ver, que me rasga o coração, que me dilucida do transviamento da minha alma, chore, chore.

Estas puerilidades traduzem-se em bemaventurança de elegido.

29 de outubro de 66.

De V. Ex.^a etc.

J. A. DA GRAÇA BARRETO.

DANIEL O'CONNELL

(Conclusão)

II

Espantar se-hão os leitores de que eu tanto protrahisse este esboço historico das perseguições da Irlanda reservando apenas para as duas ou tres paginas finaes o retrato do vulto que me propuz biographar. É porque essa historia faz comprehender immediatamente a importancia do vulto de O'Connell. Basta dizermos: O'Connell foi durante a sua vida inteira, perante o mundo, o campeão daquella nacionalidade opprimida. O desenrolar deste sudario foi a sua eloquencia. Os gritos abafados, que durante seculos as victimas soltaram, foram se concentrar afinal numa voz unica, e essa voz troou de repente na tribuna de Londres, grave, sonora, formidavel, e essa voz foi a de O'Connell, e essa voz revelou ao mundo espantado o crime de que uma nação fóra a perpretadora, e outra nação a victima. E tudo emmudeceu diante d'aquella voz que saía do tumulto d'um povo, e questões mesquinhas da politica, questões secundarias de civilização material, questões de personalidades tudo se poz de parte, calou-se tudo não ousando profanar aquelles threnos. em que o Ezechuiel parlamentar chorava as desgraças da Sião irlandeza, e chamava a maldição do mundo sobre os crimes d'essa Babylonia nebulosa, e o vulto severo e triste de O'Connell ergueu-se diante de todos, rodeado das benções dos seus compatriotas, da admiração da Europa, do terror dos seus antigos oppressores.

Aquella Irlanda era um antro. Commettiam-se ali crimes nefandos de que pouco transpirava—A fome dizimava a população, e a Europa, quasi ignorando o desastre, continuava a exaltar, a applaudir, a imitar a alegre Inglaterra, *merry England*, alegre oppressora da melancholica Erin.

É surgio O'Connell e o véo correu-se, e aavez do silencio official vibraram os gritos das gerações opprimidas, e a Inglaterra foi chamada ao tribunal da humanidade, e levantou-se o manto esplendido da civilização, e viram-se por baixo as pustulas asquerosas, os andrajos da Irlanda.

E a Inglaterra tremeu e cedeu. A voz de O'Connell, como a trombeta dos Israelitas, fez cair as muralhas d'essa Jerichó tradicional, que se chama a Constituição ingleza.

Eis o motivo porque eu, em vez de traçar a biographia do grande tribuno, biographia que em duas palavras se resume, preferi expor esses sete seculos de oppressão para que se podesse comprehender que grande seria o homem, cuja eloquencia se poz ao serviço desta causa, e por ella pelejou e venceu.

Fallemos agora no homem.

Daniel O'Connell nasceu no dia 6 d'agosto de 1775 em Cahir-Civeen no condado de Kerry. Dizia-se que elle descendia dos antigos reis de Irlanda. Seria verdadeira a tradição, ou o povo irlandez, na sua ingenuidade, se comprazeria em doirar com essas reminiscencias dum passado glorioso o vulto do seu tribuno querido, e desejaria ligar intimamente o interrompido fio da existencia nacional, prendendo ás saudades do passado as esperanças do futuro? Nada se affirma com certeza; mas o que sabemos é que era

Daniel O'Connell o mais velho dos dez filhos de Morgan O'Connell, rico lavrador, e que, destinado ao estado ecclesiastico pela sua familia, foi estudar a França no collegio dos jesuitas de Saint-Omer. Em 1794 voltou á Irlanda, mas a sua vocação não o chamava ao sacerdocio, e o juvenil estudante, já namorado da eloquencia, e familiar com as abelhas atticas que o visitavam em sonho, preferio o fóro, onde se ia preparando, como Cicero, para as luctas da tribuna, que elle ainda nem imaginava que se lhe podesse abrir.

Quatro annos estudou em Middle-Temple em Londres, e em 1798, contando apenas vinte e tres annos de idade, estreou se em Dublin com immenso successo, obtendo logo numerosissima clientela.

Desde então começou a revelar-se nelle tambem o patriotismo ardente, que lhe devia dar tanta gloria. As perseguições contra a Irlanda, um momento interrompidas, recommçaram. Em 1800 é abolido o parlamento irlandez. O'Connell protesta contra esse acto em voz bem alta, não receiando, o temerario sublime, conciliar o odio da politica britannica.

Por esse tempo o grande ministro Pitt promettera obter a emancipação dos catholicos; a Irlanda nada em jubilo, mas é vã a promessa; o fanatico Jorge III recusa obstinadamente assignar o decreto onde está exarada essa medida tão conforme com a justiça e a humanidade. Pitt pede a sua demissão, e a esperança dos catholicos, assim mallograda, transforma-se numa irritação formidavel, que se manifesta pela recrudescencia das sociedades politicas, entre as quaes figura em primeira linha a Associação Catholica, de que é Daniel O'Connell membro activissimo, e onde os seus compatriotas reconhecem pela primeira vez a sua eloquencia tribunicia, e facilmente lhe confiam os destinos da patria.

Isto passava-se em 1807. Nesse mesmo anno casára o grande orador com sua sobrinha Maria O'Connell.

Começa então a longa lucta de vinte e tres annos, em que Daniel O'Connell consumio a sua juventude, lucta em que o seu nome, pronunciado com terror pelo proprio Wellington, o vencedor de Bonaparte, se doirou com todos os esplendores da gloria. Ouvio a Europa esse rumor longinquo, voltou os olhos para a Irlanda, e vio esse nobre vulto, esse representante da civilização e da humanidade, pondo montanha sobre montanha, Pelion sobre Ossa, para galgar ao Olympo inviolavel da Constituição ingleza, fazendo corar de vergonha os que se diziam libertadores do mundo e tinham em ferros um paiz irmão, os que se diziam guias do caminhar civilizador, e tinham uma legislação mergulhada nas trevas da barbaria, os que se ufanavam de terem primeiro no céu nebuloso da Europa accendido a estrella d'alva da liberdade, e que envolviam com cuidado no denso manto da morte os seus mais proximos irmãos.

É a voz troava incessante no extremo occidental da Europa, e vinha resoar em torno das paredes d'essa Jerichó de Westminster-Hall, que se obstinava em cerrar as portas aos novos Israelitas fugindo da escravidão do Egypto, e a cada brado dessa voz possante a Irlanda erguia-se em pé, não tumultuaria e sangui-sedenta, como no tempo de Isabel, de Carlos I, de Cromwell, de

Guilherme d'Orange, de Jorge III, mas grave, austera e ameaçadora na sua tranquillidade imponente. A Associação Catholica, a que Daniel O'Connell déra uma organização poderosa, foi a alavanca de que se servio para exercer sobre o seu paiz uma influencia decisiva. Corria um frémito pela Irlanda a cada gesto do tribuno, como estremece a Sicilia quando se agita no Etna o Titão soterrado.

Luctou e venceu. Em 1829 lord Wellington, presidente do conselho de ministros, vio-se obrigado a propor e Jorge IV a assignar o decreto da emancipação dos catholicos, e em fevereiro de 1830 Daniel O'Connell em pleno gozo de seus direitos politicos, entrava em triumpho na camara baixa. Caíra Jerichó.

Desde então O'Connell segue uma politica, primeiro applaudida pelos seus compatriotas, depois accusada de moderantismo por esse partido ultra, que sempre vem em seguida ás reacções legaes. Compreendendo as vantagens da união dos dois povos, O'Connell quer que a Irlanda tenha uma influencia legitima nos negocios geraes da Grã-Bretanha. Consegue-o. Em 1834 os votos da deputação irlandeza decidem a queda de um ministerio. Apesar dos murmúrios da facção exaggerada, que se intituiava *Juvenil Irlanda*, O'Connell continuava a ter o paiz na sua mão. Em 1842 foi eleito lord-mayor de Dublin. Uma pensão de 158000 libras é-lhe decretada pelos seus compatriotas. Em 1843 o governo, receioso da sua influencia, aproveita um pretexto especioso para o chamar aos tribunaes, como perturbador da paz publica. Os tribunaes condemnam-no, mas a camara alta absolve-o. O'Connell sae em triumpho da prisão. Mas a sua saude começava a declinar visivelmente. Quer emprehender uma romaria á capital do mundo catholico, mas a morte surprehende-o em Genova, e o grande orador finda a vida terrestre no dia 13 de maio de 1847.

Eis o que foi o tribuno irlandez, um dos homens mais eloquentes deste seculo, e o campeão constante e inabalavel da causa santa d'um povo, cujo longo martyrio forma a pagina negra da historia, aliás tão brilhante, da Grã-Bretanha.

M. PINHEIRO CHAGAS.

OS NOVOS ORGÃOS DA SCIENCIA

À medida que as relações dos povos crescem, a sciencia ganha ao mesmo tempo em veradde e profundesa. A criação de novos orgãos, porque assim podem ser chamados os instrumentos de observação, augmenta a força physica do homem. Mais rapida do que a luz, a corrente electrica leva o pensamento e a vontade ás mais longiquas regiões. Um dia virá em que certas forças que se exercitam tranquillamente na natureza elementar, como nas cellulas delicadas do tecido organico, sem que nossos sentidos tenham podido ainda descobri-las, reconhecidas emfim, aproveitadas e levadas a um grau mais subido de actividade, tomarão lugar na serie indefinita dos meios com o auxilio dos quaes, tornando-nos senhores de cada dominio particular no imperio da natureza, nos elevemos a um conhecimento mais intelligente e mais animado do conjunto do mundo.

HUMBOLDT, *Cosmos*.